

Susta, porém, teu gesto! A vida é sábia em tudo!...
A alma jungida à carne, em pranto amargo e mudo,
Roga-te, embora gema e fale de outra esfera:

— “Aguardo a mão da Lei, sempre doce e benvinda!
Dá-me silêncio e paz! Não me expulses ainda!...”

14 E, por trás da alma em luta, a Lei exclama: — “Espera!”



Souza, foi NV o crítico principal do Simbolismo em plagas brasileiras. Brito Broca não vacila em colocá-lo entre os melhores críticos brasileiros. Para Fernando Góes (*Pan.* IV, pág. 78), «a poesia não foi o forte de Nestor Vitor, antes é a sua parte mais vulnerável». (Paranaguá, Paraná, 12 de Abril de 1868 — Rio de Janeiro, Gb, 13 de Outubro de 1932.)

BIBLIOGRAFIA: *Signos*; *Transfigurações*; etc.

1. Note-se a aposiopese.

5. Leia-se *cria-tu-ra* em três sílabas.

14. A título de curiosidade, veja-se, do Autor, o soneto “Morte Póstuma”, de *Transfigurações*, in *Pan.* IV, pág. 79.

Antônio CUNHA MENDES *



ASAS

Terra, nada reténs que o verme não carcoma!...
Tudo nasce e caminha ante o poente aziago...
Toda pompa a luzir, qual furacão num lago, —
Túrbida agitação sobre a undiflava coma...

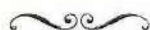
- 5 Na urna de Moisés vês longínqua redoma;
No fausto de Alexandre, um painel triste e vago...
A cinza sepulcral dos salões de Cartago
8 Soterrou no silêncio os mármore de Roma...

(*) Depois de ter publicado seus primeiros versos em alguns jornais de seu Estado natal, e aí pertencido à «Padaria Espiritual», CM transferiu-se para S. Paulo, onde concluiu o curso de Direito e dirigiu a *Revista do Brasil*, que apresentava colaboradores do gabarito de Emílio Kemp, Carvalho Aranha, Amadeu Amaral e outros. Escreveu em revistas simbolistas e em jornais da época, como *O Paiz*, do Rio, principal-

Duas asas, porém, na rota em que flutuas,
Sustentam-te, no Espaço, impassíveis e cruas,
Nenhuma alteração que, leve, as entrecorte.

Libram com Deus e a Vida, em suprema conquista...
Tribos, povos, nações... Nada que lhes resista...

14 Uma — a clava do Tempo; outra — a sega da Morte!



mente em versos. Exerceu a advocacia no Rio e, depois, em S. Paulo. Foi também romancista. (Maranguape, Ceará, 15 de Março de 1874 — S. Paulo, 2 de Junho de 1934.)

BIBLIOGRAFIA: Lyriss, poemeto; Poesias; etc.

5. Leia-se com hiato: *Na/ ur/na*.

8. Aliteração em s.

14. Observe-se a semelhança de estilo, só pelo primeiro quarteto da jóia de 14 versos que começa com "Noute, abrigo dos maus! Trevas, calmos ensombros", dedicado a Samuel Porto:

"Noute, abrigo dos maus! Trevas, calmos ensombros
Do covarde, do nu, do triste e do cansado;
Enche d'alma arruinada os sórdidos escombros
Com a mudez funeral de túmulo fechado!"

(*Apud Pan. IV*, pág. 243.)

José FÉLIX Alves PACHECO *



ALÉM

DA

NOITE

Dos corações clamando agonia e desterro,
Desce o orvalho do pranto em fel da desventura...
A saudade a chorar dita a rota do enterro,
Mas o túmulo em si é breve noite escura...

A alma, divino sol no corpo — escrínio perro —,
Jóia viva a brilhar além da sepultura,
Lucila a esmorecer, sob as tenebras do erro,
Ou cresce a refulgir, se ascende bela e pura.

(*) Jornalista emérito, exerceu a profissão, desde moço até a desencarnação, no *Jornal do Commercio*, do Rio, folha de que chegou a ser diretor-proprietário. Foi ainda historiador, ensaísta, deputado federal, senador e Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Pertenceu a inúmeras associações e ocupou a cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Letras. Poeta dos mais delicados, «figura, em primeiro plano, entre os maiores vultos que o Piauí legou ao Brasil» (*apud Félix Pacheco*, pu-